

APRENDENDO A ENSINAR CRIANÇAS ESPECIAIS: PASSO A PASSO SE FEZ UM CAMINHO

Margarida Hofmann Windholz
Universidade de São Paulo

RESUMO - O presente artigo objetiva fazer uma análise crítica do trabalho realizado com excepcionais nos últimos 17 anos, pela autora. Destaca causas de sucessos e fracassos, apresentando sugestões para profissionais e pesquisadores da área. A análise é feita em três níveis: o das condições macro-sistêmicas, o das condições intra-institucionais e o das condições/características individuais de alunos, pais e educadores. Enfatiza-se a importância da tríade: prestação de serviços, ensino contínuo dos educadores e pesquisa, como fundamental para a obtenção de bons resultados, bem como a necessidade de empenho ativo de todos para garantir os direitos constitucionais do cidadão excepcional.

LEARNING TO TEACH SPECIAL CHILDREN: STEP BY STEP A PATH WAS MADE

ABSTRACT - This paper presents a critical analysis of educational activities with exceptional individuals by the author, during the last 17 years. Issues concerning success and failures are pointed out and some suggestions are provided for professionals and researchers. The analysis considers three levels: the macro-systemic conditions, intra-institutional conditions and conditions/characteristics of the individual students, parents and educators. The importance of the triad: intervention, continued education for the professionals and research, is emphasized, as well as the need of active involvement in the fight for the legal, constitutional rights of the exceptional citizens.

O título desta Conferência: "Aprendendo a ensinar crianças especiais: passo a passo se fez um caminho", tem muito a ver com um momento pessoal meu.

Ao longo dos últimos trinta anos tenho trabalhado com uma variedade de crianças, jovens e adultos assim chamados excepcionais, indivíduos com retardo ou problemas de desenvolvimento, crianças autistas, psicóticas, deficientes físicos, defi-

Texto baseado em conferência apresentada na 40- Reunião Anual da SBPC, São Paulo, SP, 1988. Agradecemos a contribuição da psicóloga Célia Maria Gonçalves Loch para a redação final deste artigo e pela confecção dos quadros. O trabalho contou com o apoio do CNPq. Endereço: Rua Maduri, 722; 01457 - São Paulo, SP.

cientes auditivos. Alguns com prejuízos leves, outros com prejuízos mais graves, mais severos. Com a publicação do Guia-Curricular "Passo a Passo, Seu Caminho" (Windholz, 1988), destinado ao ensino de habilidades básicas a crianças excepcionais, concluí uma fase deste trabalho: uma parte das minhas atividades, pesquisas e intervenções, tornam-se acessíveis a um público mais amplo. Assim, o momento pareceu-me adequado para fazer uma retrospectiva e uma análise crítica dos trabalhos realizados, das metas alcançadas ou não, das dificuldades vividas, da conclusão quanto a algumas causas de sucessos e fracassos, para resgatar os aspectos positivos, indicar os negativos e delinear algumas sugestões-tentativas, que pudessem servir a outros que trilham ou se propõem a trilhar o mesmo caminho.

Em uma artigo intitulado "Contribuições da Psicologia ao ajustamento de crianças retardadas" (Windholz, 1961), salientei os seguintes aspectos como importantes na organização e no funcionamento de uma instituição (na ocasião estava se iniciando um trabalho em uma escola, com semi-internato e internato para jovens com retardo leve e problemas de comportamento):

- o ambiente físico, material e humano;
- a escolha e o preparo de pessoal, dos técnicos aos atendentes e funcionários de administração;
- a programação pedagógica - desde as atividades "acadêmicas" até as extra-curriculares e atividades recreativas e sociais.

Relendo hoje o que foi escrito há vinte e sete anos, parece-me que todos os destaques continuam válidos. Ao mesmo tempo, com base na experiência colhida, nas pesquisas realizadas, nos sucessos e fracassos vividos, outros pontos poderiam ser acrescidos e aqueles completados e enriquecidos. Pretendo logo mais retomá-los, um a um, depois de uma colocação mais abrangente, que se tornou parte de nossa experiência.

Em todos estes anos de trabalho de intervenção, ensino e pesquisa, ficou claro para todos nós, que atuamos juntos, que há algumas condições *necessárias*, embora não por si mesmo *suficientes*, para o sucesso do atendimento ao excepcional - seja em casa, em clínica, em instituições - e que há outras prejudiciais e negativas.

Confirmamos a importância do ambiente físico e humano, do preparo e treino do pessoal e da programação cuidadosamente feita e adequada à população atendida.

Aprendemos que afeto é uma condição necessária, mas não suficiente; *verificamos*, até com certo espanto, que realizar um trabalho embasado em adequados conhecimentos metodológicos e tecnológicos, *embora fundamental*, é *condição necessária, mas também não suficiente*.

Aprendemos, acima de tudo, que nossa atuação precisa focalizar um *universo mais amplo* que o dos indivíduos que se pretende atender, nas suas necessidades e interações mais imediatas; precisa abranger *tudo e todos* que fazem parte do contexto em que a atuação se desenvolverá, e isto em vários níveis. E estes níveis se encaixam um no outro e se relacionam um com o outro, direta ou indiretamente. Eles devem ser cuidadosamente considerados, para garantir sucesso. Não obstante, precisamos aceitar o fato que, em alguns níveis, nosso poder decisório é maior e em outros menor ou mesmo nulo. Assim, por exemplo, temos nenhuma ou no máximo pouquíssima influência sobre a política educacional do Brasil, em relação ao excepcional. Temos maior, mas também não decisiva, influência sobre a política educacional, a filosofia educacional, a metodologia e o conteúdo, de muitas instituições que se pro-

põem atender o excepcional. Temos alguma - maior ou menor - influência sobre as decisões e as ações dos pais de excepcionais, quando procuram ajuda. E podemos ter uma influência maior ou mesmo decisiva em instituições, em que o acesso às variáveis relevantes é facilitado, garantindo as propostas educacionais e o funcionamento da instituição.

Há necessidade de se realizarem esforços para mudanças em todos estes níveis, mas optei por me deter mais especificamente naqueles em que tive maior experiência pessoal nos últimos quinze anos.

Quais seriam estes níveis, que devem ser considerados e analisados?

Num primeiro nível, tanto os alunos, como seus pais e também seus educadores, devem ser considerados, quanto às suas competências, repertórios, necessidades, atuações e interações com pessoas e eventos do seu ambiente mais imediato, assim como deve ser analisado o ambiente físico e humano em que vivem.

Num próximo plano é preciso levar em conta as instituições e interações mais complexas, como, por exemplo, entre instituição e casa, bem como eventos com que os alunos possivelmente não entram em contato direto, mas que influem no atendimento que recebem e nos resultados alcançados. Existe nestes uma dinâmica própria que, se não for levada em conta, poderá ser responsável por muitos fracassos, como, por exemplo, relacionamento entre o casal ou problemas na instituição.

Num nível mais amplo ainda, mas de cuja importância ninguém duvida, estão os aspectos e as condições sócio-econômico-políticas da sociedade na qual a ação se dá, suas crenças, seus preconceitos, suas ideologias.

I - APRENDEMOS QUE HÁ UM MACRO-SISTEMA A CONSIDERAR E ENFRENTAR

O nível mais amplo de análise abarca variáveis de enorme peso, especialmente considerando-se a situação social, econômica e política do Brasil numa década em que a transição para a democracia é lenta, a economia entra em colapso e a classe política presta muitas vezes um desserviço à sociedade.

Por mais decisivos que os aspectos deste nível mais amplo, que envolve uma análise macro-sistêmica, sejam para que haja atendimento àqueles que o necessitam, é preciso constatar que, embora seja aparentemente evidente que o excepcional e seus pais deveriam ter garantidos os seus direitos de cidadãos para receber educação e assistência, sabemos que não é esta a realidade. E isto, apesar de estar demonstrado que, quando atendido e quanto mais cedo for, maior se torna a possibilidade de tornar o excepcional um membro integrado na comunidade. Para que isso se dê, verbas governamentais são essenciais. Na falta destas, *aprendemos* nestes anos que *estabilidade financeira* é uma condição importante para que se possa desenvolver um trabalho eficaz e positivo e que a instabilidade, junto com a remuneração baixa para um trabalho difícil, podem derrubar as melhores intenções e a melhor programação, com um pessoal bem preparado, levando à rotatividade de pessoal e perda não só de qualidade de trabalho, como de espírito de grupo e equipe.

Nosso papel, enquanto técnico na área de Educação Especial, não pode ficar restrito à contemplação destas variáveis. Precisamos cada vez mais buscar maior participação nas decisões que empurram nossas instituições para uma situação insustentável, que nos forcem a buscar apoio financeiro em detrimento de nosso próprio



Quadro 1 - Níveis de análise a considerar para a compreensão da amplitude do trabalho em Educação Especial

trabalho técnico, que marginalizam o excepcional e *impedem* seu acesso à assistência e educação que lhe são de direito constitucional.

II - APRENDEMOS ALGO SOBRE AS CONDIÇÕES QUE FAVORECEM O TRABALHO NUMA INSTITUIÇÃO

Passando agora a analisar o próximo nível, o das condições intra-instituições, escolas, oficinas e outros recursos de assistência e educação especial:

Aprendemos que também elas são *organizações sociais complexas*, onde não apenas a relação professor-aluno deve ser objeto de atenção, mas o planejamento deve considerar cada elo deste sistema e suas interrelações.

Aprendemos que não é possível aplicar diretamente *modelos* usados em outros países, cultural e socialmente diferentes, nem na forma, nem no conteúdo. (Assim, por exemplo, nossa ênfase foi sempre muito maior ou praticamente total quanto ao uso de reforçamento e não-uso de técnicas punitivas. Programas de linguagem desenvolvidos em outros países precisam ser revistos para aplicação entre nós).

Aprendemos, que a atuação precisa fundamentar-se numa *filosofia de educação e ação* comum a todos, que respeita o indivíduo com problemas *como pessoa* (por mais comprometido que seja), e que acredita nele, mesmo quando seu repertório é muito limitado e os passos que pode dar são muito pequenos. O importante não é o tamanho dos passos, mas que passos sejam dados (embora isto fique, freqüentemente, muito difícil não só para os pais, como também para os educadores aceitarem).

Na nossa experiência, o modelo da *abordagem transdisciplinar*, seja ao se trabalhar junto a população tão diversas como jovens com problemas múltiplos ou bebês de risco, tem se mostrado o mais promissor, pois implica em maximizar a contribuição de cada membro de uma equipe, delegando - sob orientação - certos procedimentos ao facilitador (no caso, o educador - por exemplo, o fisioterapeuta ensina o educador e o supervisiona quanto às posturas em que uma criança deve ficar durante o dia; o fonoaudiólogo supervisiona o programa de ampliação de vocabulário, que a professora realiza durante todo o dia de escola).

Aprendemos que isto não é tão simples porque requer certas *características especiais da equipe* e de cada membro desta, que precisa:

- acreditar na possibilidade de mudar comportamentos e mais do que isso, estar pronta para mudar comportamentos com o uso de uma proposta metodológica e de conteúdo adequado àquele aluno. (Muitas vezes verificamos que, mesmo quando os dados, as pesquisas inúmeras e o desempenho dos alunos, são prova clara e evidente do sucesso dos procedimentos adotados, há resistência em reconhecer o mérito da abordagem comportamental);
- estar disponível para um trabalho comum, receber orientação e ser criativo ao mesmo tempo, estudar, coletar dados e estar pronto a fazer revisões.

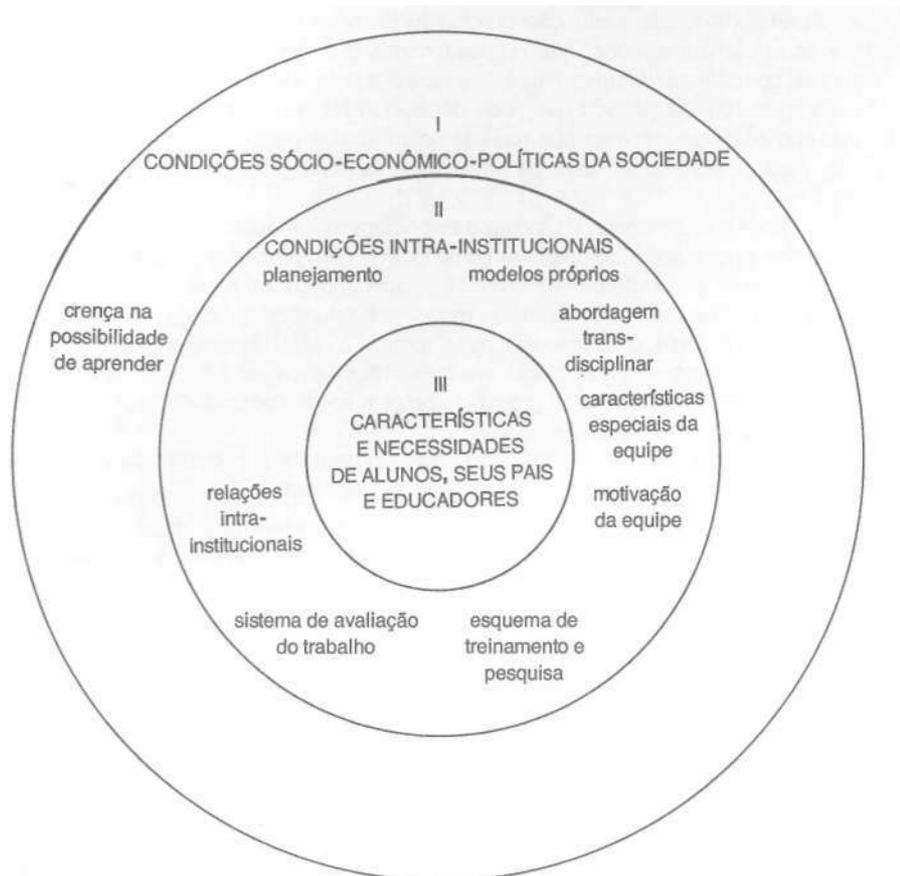
Aprendemos que as *relações* entre equipe de direção e educadores, atendentes e destes com a administração são muitas vezes altamente decisivas para o trabalho desenvolvido.

Da *parte da instituição*, o êxito depende também da *atenção* para as necessidades, problemas, tensões e ansiedades (ligadas ou não ao trabalho difícil) de sua equipe e da dinâmica e do interrelacionamento que se estabelecem. Depende também de oferecer-se um programa contínuo de estudo e treinamento da equipe, para estabelecer e manter um desempenho de bom nível. Além disso, a instituição precisa se capacitar a criar um sistema motivacional, que não esteja baseado *apenas* no ganho financeiro (em geral baixo). E, ligado a isto, o êxito também depende do estabelecimento de contingências que mantenham o comportamento da direção ou coordenação, de verificação do desempenho de *todos* os membros da equipe. Analisar *porque* não há mudanças, procurando as causas do lado daquele que ocupa a hierarquia mais alta, é fundamental (o perigo é cairmos no mesmo erro do professor que se queixa do aluno "preguiçoso", "distraído", em vez de focalizar sua própria atuação e analisá-la melhor).

Não podemos ainda esquecer que o êxito depende também da insistência em manter-se uma ligação com um esquema de pesquisas, tanto para controle do próprio

trabalho desenvolvido, como para incentivar a produção de conhecimento e o crescimento pessoal dos profissionais.

Nosso quadro inicial poderia ser completado com essas novas aprendizagens práticas sobre as variáveis mais significativas em se abordando a esfera institucional. .



Quadro 2 - Detalhamento de variáveis envolvidas na análise da esfera institucional de análise do trabalho em Educação Especial

III - E SOBRE ALUNOS, PAIS E EDUCADORES, O QUE APRENDEMOS?

1. Que características e necessidades do aluno devem ser consideradas?

É importante conhecer o repertório, ou seja, as habilidades que o aluno apresenta, a partir de avaliação por todos os técnicos envolvidos, para fazer uma programação adequada às suas características e dificuldades específicas, que seja a mais funcional possível (levando em conta experiência da equipe e preocupação dos familiares).

É preciso que o educador, aqui em sentido lato, esteja sempre atento a este repertório, para adequar sua atuação às possibilidades do seu aluno.

Atenção individualizada do professor e de outros membros da equipe, tanto em treinos formais, como em atividades mais informais da rotina da criança, é importante, para se conviver com respeito e alegria na instituição.

O educador deve ter também uma noção muito clara quanto ao tipo de *comportamentos seus* que são reforçadores para o aluno. No caso de atenção social ser reforçadora, deve cuidar para não dispensá-la inadvertidamente a comportamentos inadequados. Por outro lado, com alunos para os quais atenção social não é muito reforçadora, o educador não pode confiar só no elogio e precisa dispor de outros meios para motivá-lo.

Na relação aluno-educador é importante que este (educador) procure entender a funcionalidade dos *comportamentos inadequados* da criança, antes de tentar eliminá-los. Análises superficiais devem ser evitadas, e assim será mais fácil encontrar objetivos de ensino de comportamentos que devem substituir os inadequados e que sejam mais aceitáveis socialmente.

Isto quer dizer, também, que o educador e a equipe devem focalizar, não apenas a eliminação de problema*Sj mas, e principalmente, a aquisição de novas habilidades.*

O aluno é um ser em desenvolvimento, o que significa que, eventualmente, mudanças biológicas ou problemas de saúde podem alterar seus comportamentos (por exemplo, nossa experiência mostra aumento de problemas de conduta na adolescência; alterações de comportamento em fase pré-menstrual ou menstrual, após convulsões ou mudança de medicação). Portanto, é preciso estar-se atento a estes aspectos.

2. O que favorece uma programação adequada

A partir do repertório dos alunos, devem ser identificados objetivos específicos que consideram seu desenvolvimento, sua idade, características individuais, assim como a funcionalidade dos comportamentos apresentados (mesmo que inadequados). Que sejam objetivos realmente extraídos da análise do repertório dos alunos, é uma condição essencial para se obter sucesso.

Uma boa programação se compõe de pequenos cuidados, na maioria mutáveis segundo as características dos alunos, educadores e instituição. Apresentamos aqui alguns cuidados que, para nossa experiência, foram especiais:

- elaboração de programas com objetivos claramente definidos e procedimentos bem estabelecidos, embasados num conhecimento amplo do desenvolvimento infantil e do processo ensino-aprendizagem, e que dêem segurança ao educador que os utilizará;
- o ensino deve ocorrer o dia todo, não apenas durante as sessões de treino;
- assim, deve haver oportunidade para a criança desenvolver, continuamente, atividades e que alternem as mais sedentárias com outras mais movimentadas;
- uso de uma variedade de estimulações sensoriais, especialmente na modalidade mais reforçadora para a criança;
- detectar o tipo de estimulação que perturba a criança e tentar evitá-la;

- observação e treino contínuo dos educadores e profissionais para garantir a qualidade do trabalho;
- manutenção das condições motivadoras para o educador anteriormente mencionadas;
- participação ativa dos alunos na relação com a instituição, através de reuniões e representantes dos alunos (no caso de indivíduos com retardo severo o educador desempenha um papel duplo: educar e representar o aluno);
- desenvolvimento de comportamentos de responsabilidade, dando encargos que os alunos possam desempenhar com sucesso.

3. Como "acertar" na escolha e preparo do pessoal?

Uma boa seleção das pessoas que irão trabalhar junto à população-alvo e seu preparo são importantes, uma vez que a atuação de cada pessoa do ambiente pode ajudar o crescimento ou prejudicá-lo. (Muitas vezes o chofer da condução ou a cozinheira podem ser pessoas extremamente positivas, ou então uma observação ou atenção inadequadas, por exemplo, a comportamentos que precisam ser diminuídos, podem ser muito prejudiciais, a ponto de minar dias ou meses de um bom trabalho).

A importância da unidade de ação de toda uma equipe deve ser ressaltada. Esta unidade pode ser promovida através da participação ativa de todos em reuniões, tanto para discutir programação e problemas, como para valorizar o trabalho destes funcionários, reconhecendo as dificuldades que muitas vezes tem que enfrentar.

Como preparar educadores para trabalhar com crianças e jovens especiais tem sido uma das nossas maiores preocupações nos últimos anos. Muitos programas foram estabelecidos, cursos e seminários realizados, análises feitas sobre o que é necessário. Vamos apontar alguns aspectos básicos.

Da mesma maneira como nos preocupamos em saber o repertório inicial dos alunos, é cada vez mais importante conhecer o repertório dos futuros educadores, pelas modificações no ensino que estes receberam e para que não se alimente falsas expectativas quanto a habilidades que deveriam ter e não possuem, ou ao contrário, para descobrir com alegria que suas habilidades são maiores que as esperadas. Isto é importante em nosso meio, porque não temos nenhuma escola/universidade que dê uma formação tal a futuros educadores, que não requeira um treino adicional.

A partir deste conhecimento, é preciso elaborar material e fornecer ensino contínuo à equipe. Devemos lembrar que o educador deve integrar diferentes tarefas, dadas por diferentes técnicos, para se tornar um facilitador, numa linha transdisciplinar.

É importante que cada profissional tenha conhecimento claro de suas funções, dos canais a que pode recorrer, do que dele é esperado e o que pode esperar de outros membros da equipe, bem como da direção da instituição.

Criar condições reforçadoras que ajudem a manter um bom desempenho, uma vez adquirido, é fundamental. Algumas destas condições são valorização do papel de cada um, participação nas decisões, unidade de ação, incentivo à pesquisa, participação em eventos científicos, bem como, por exemplo, "quinze minutos de descanso" no meio do período de trabalho, preparo de festas, apoio da equipe. Só então pode-se cobrar dados, registros, controles, manutenção da programação ou pedidos de revisão.

4. O que aprendemos sobre as condições ambientais que favorecem as atividades, numa instituição e no próprio lar?

Hoje, com o desenvolvimento e a importância crescente que se tem dado a aspectos ecológicos, reconhece-se muito mais do que há vinte e sete anos a influência de aspectos ambientais - sejam estes físicos ou sociais - para o bom desenvolvimento de indivíduos e de atividades.

Focalizando os ambientes em que os alunos vivem (casa, escola, outros), deve-se levar em conta disposição de móveis e espaços, quanto ao ambiente material. O espaço físico pode favorecer as relações aluno-educador, filho-pais, ou dificultá-las. Sabemos, por exemplo, que o espaço físico não deveria destoar demais daquele em que o aluno vive, que espaço pequeno provoca mais brigas que espaço maior; que um ambiente esteticamente bonito favorece comportamentos de cuidar deste ambiente; que a distância entre os diversos locais facilita ou dificulta o funcionamento de uma instituição; que dicas visuais podem facilitar o reconhecimento de locais por indivíduos com repertório limitado, etc. Enfim, estética e funcionalidade são relevantes.

Classes de aula, outros ambientes e materiais deveriam também refletir a idade cronológica dos estudantes que os utilizarão.

De outro lado, é importante analisar as *habilidades essenciais* que os indivíduos devem possuir para serem "competentes" em cada ambiente, verificar as habilidades que já possuem, estabelecer prioridades para as que devem adquirir e conferir se estas estão de acordo com o que pensam as pessoas significativas do ambiente de convivência dos alunos.

5. Falemos do ambiente humano

Confirmamos que o ambiente humano é muito importante. É verdade que aprendemos que "amor só não é suficiente" - mas também sabemos que as crianças, os jovens, os adultos com problemas, sofrem muito porque, com grande frequência, são mal amados ou rejeitados. A relação excepcional-familiares, excepcional-educadores, excepcional-mundo, em geral é prejudicada, distorcida, cheia de culpas, raivas, expectativas não satisfeitas, medos, preconceitos.

Por este motivo, uma instituição deveria ter o que poderia se chamar de "ambiente terapêutico", o que nada mais é do que um ambiente em que o aluno se sente aceito como é, mas ao mesmo tempo em que se procura ajudá-lo a crescer e adquirir maior independência, auto-controle e disciplina, transmitindo, com a ajuda de ambiente físico adequado, um sentimento de "pertencer"; "aqui há espaço para mim como sou".

Muitas vezes não é fácil mostrar afeto a uma pessoa excepcional, mas isto pode e precisa ser trabalhado. A melhor garantia de sucesso e o reforçador mais satisfatório para ambos os lados, e que leva a passos no caminho certo, é o afeto, bem usado.

A demonstração deste afeto deve ser adequada ao nível de desenvolvimento, mas também à idade cronológica do indivíduo (por exemplo, não infantilizando um rapaz de vinte anos), e deve favorecer comportamentos e aquisições desejáveis para o bem estar do indivíduo e do ambiente.

6. Pais, especiais como seus filhos?

Neste momento é preciso considerar o papel importante dos pais, na sua relação com o filho especial, assim como a sua interação com a instituição, com a clínica, com o profissional. Deve-se lembrar que a família é (ou deveria ser) parceira no trabalho da educação do excepcional e deveria poder receber ajuda para que haja um envolvimento na tarefa comum e cooperação. A ajuda deve visar não apenas ensinar a lidar melhor com esta criança ou jovem ou adulto, o que é essencial. (Não adianta a melhor programação na escola para melhorar comportamentos inadequados auto-lesivos, quando em casa estes são reforçados; ou quando condições de conflito entre os pais se refletem no estado emocional do aluno, a ponto de interferir seriamente no seu ajustamento na instituição).

Pais e familiares (irmãos, avós) precisam de ajuda para conseguir conviver melhor com o problema diário que enfrentam, os conflitos e as angústias de ter um filho diferente - e muitas vezes difícil.

Além disso, é fundamental que *sejam ouvidos* nas suas necessidades e vistas as *suas* prioridades para seu filho excepcional, para que sejam levadas em consideração na programação, caso relevantes e adequadas, ou para que os pais sejam orientados, caso suas expectativas estejam distorcidas ou inadequadas.

Este trabalho não é fácil, pois uma das coisas que aprendemos é que, enquanto nós, educadores, vemos os *passos que a criança andou*, para os pais, muitas vezes fica difícil fazer o mesmo, pela saliência que tem para eles *a distância que falta percorrer*. (Este reconhecimento nos tornou mais humildes).

EM SÍNTESE...

Alinhavamos neste artigo, comentários extraídos de nossa experiência pessoal acerca de fatores que dificultam ou favorecem um trabalho institucional em Educação Especial.

Vimos, ao logo do artigo, analisando as variáveis envolvidas em três níveis de análise: as variáveis macro-sistêmicas de nossa sociedade brasileira, as variáveis intra-institucionais e as variáveis específicas das pessoas envolvidas diretamente no processo de ensino-aprendizagem - alunos, pais e educadores.

Destacamos do artigo algumas das idéias que nos parecem, devem permanecer como recomendações ou alertas:

- nossa atuação precisa focalizar um universo mais amplo que o dos indivíduos que se pretende atender; precisa abranger tudo e todos que fazem parte do contexto em que a atuação se desenvolverá, nos seus vários níveis;
- são variáveis macro-sistêmicas as principais responsáveis pelo colapso econômico de nossas instituições - temos que enfrentá-las com mais que buscar apoio financeiro para ir reparando os danos;
- os direitos à assistência e educação dos cidadãos com que nos preocupamos como profissionais *não* estão sendo respeitados - precisamos refletir sobre nossa participação, como cidadãos e como técnicos, na mudança desta situação;
- precisamos acreditar na possibilidade de mudar comportamentos e de desenvolver habilidades, mesmo em indivíduos com repertórios muito prejudicados, desde que se use uma metodologia adequada, desde que haja disponibilidade para trabalho comum e orientação, desde que haja ensino contínuo dos educadores, o que lhes

permite também estar ao par de pesquisas e literatura recente, ao mesmo tempo em que se criem contingências adequadas para que o aprendido seja utilizado;

- para isso é necessário que haja reforçadores suplementares para o educador, além do salário, provindos de *feedback*, participação em pesquisas, e outros;

- precisamos de programas adequados, de acordo com o repertório dos alunos, do conhecimento de suas dificuldades, de seus problemas específicos e que permitam aos educadores estar sob controle de dados do comportamento dos seus educandos;

- precisamos trabalhar com os pais, co-parceiros;

- é imprescindível um trabalho com a comunidade, para melhor aceitação e integração do excepcional;

- precisamos revisão constante dos serviços que prestamos, a partir de dados, fazendo melhor uso da tecnologia existente e comprovada;

- devemos trocar informações com profissionais e pesquisadores da área e de áreas afins, ou seja, precisamos uma vinculação intervenção-ensino-pesquisa.

Só assim conseguiremos fechar o círculo, cada elo se encaixando no outro, ao mesmo tempo em que devemos manter a vista em direção ao horizonte, na convicção de que os passos se somem e que é passo a passo que se constrói um caminho, que sempre continua...

REFERENCIAS

Windholz, M.H. (1988). *Passo a passo, seu caminho. Guia curricular para o ensino de habilidades básicas*. São Paulo: EDICON.

Windholz, M.H. (1961). Contribuições da psicologia ao ajustamento de crianças retardadas. *Boletim de Psicologia*, 41/42, 3-5.

Texto recebido em 20/1/88